



A Viagem de André.

Paga infantil de:
DILMAR ANTONIO MESSIAS

2271

RECIBI
14 08 73

P E R S O N A G E M S

AS

MAS

O MÁGICO MERLIM

A BONECA DE PANO EMILIA

NETUNO

O SÁBIO ARQUIMEDES

RAINHA

O SÁBIO IRINEU, O BELO

ESOPO

OBSERVAÇÃO:

OS CENÁRIOS DEVEM SER BASTANTE FUNCIONAIS, PARA QUE SUA MUDANÇA NÃO SEJA DEMORADA. ESTA DEVE SER EM BO. (CASO NÃO SEJA POSSÍVEL O USO DA LUZ, ESTA MUDANÇA PODE SER FEITA PELOS ATORES E NÃO PERSONAGENS). O COLORIDO DOS QUADROS E O DESENHO DOS CENÁRIOS, SERÃO FEITOS DE FORMA, A GARANTIR UM CLIMA FLABESCO. OS PERSONAGENS DEVERÃO TER SUAS CARACTERÍSTICAS TÍPICAS, BEM MARCADAS, EXUBERANTES. -

P.A. NOV.1972.

O cenário é o quarto de André; abre o pano, André está deitado imóvel. Inesperadamente aparece na frente do palco, o mágico Merlin:
Eu sou o mágico Merlin
Transformo o capim em ouro
e o ouro em capim.

Gosto muito das crianças
e de gente grande também
só não gosto das pessoas
que sabem fazer o bem.

Eu vou contar uma história
que vai servir de lição
por isso peço a todos
que prestem muita atenção.

É a história de um menino
que não gosta de estudar
mas vou deixar que vocês vejam
o castigo que vai levar.

Agora minhas crianças
querem saber como é?
Pois eu vou contar a todos
a história de André.

ZIRIMIM-PLIM-PLIM!

(Sai Merlin e André começa a se mexer na cama, se destapa, senta, coça a cabeça, olha para os lados e sai da cama, sem fazer barulho, na pontinha dos pés. Dirige-se aos seus brinquedos, cauteloso, mas, de repente pisa num Fon-Fon, fica apavorado. Ouve a voz de sua mãe:)

MÃE - Andrééé! Você ainda não foi dormir? (André volta correndo para a cama) O que você está fazendo acordado até estas horas?

ANDRÉ - Eu tava terminando minha lição, mãe.

MÃE - E isto é hora de fazer lição, André? Olha o que a professora disse-: "se você não estudar muito, vai rodar de novo este ano."

ANDRÉ - (Para si) Estudar, estudar! Só isso que dizem prá mim fazer. Não sei pra que a gente tem que estudar? A gente de-

- veria só ter que brincar.
- MÃE - O que você está resmungando aí?
- ANDRÉ - Eu nem falei.
- MÃE - Bom, então trata de dormir logo! Amanhã você tem que acordar cedo para ir à Escola.
- ANDRÉ - Eu já estou quase dormindo (para si). Ir à Escola todos os dias é a mesma coisa! Ir à Escola!
- MÃE - André, você já escovou os dentes?
- ANDRÉ - (Para si) Bah! me esqueci! (Para a mãe) Já escovei até duas vezes.
- MÃE - Então, boa noite.
- ANDRÉ - Boa noite. (para si) - "André você já fez as lições? André você já lavou as mãos? Cuidado com os micróbios! Micróbios, como é que eu nunca vi um? André você tem que dormir cedo para levantar cedo e ir à Escola! Eu não sei por que a gente tem que ir para a Escola? Ah! se a gente pudesse brincar e viajar o tempo todo! Isto! Quando eu for grande, vou comprar um barco pra mim e, viajar! (André se deita. A luz vai diminuindo, e apaga-se. Aparece Merlin, num canto do palco.)
- MERLIN - Vocês já conhecem, agora, André, o menino que não gosta de dormir cedo, escovar os dentes e, principalmente, de estudar. Um menino que não obedece a mãe. Um menino que não estuda, não presta atenção na aula e por isso não sabe que existem os micróbios, mas vocês sabem, não sabem? André só pensa em brincar e viajar. Eu quero que vocês esperem até que ele se acorde para ver o problema que ele cria para ir à Escola. Oh! Oh! Oh! Oh! Oh! desculpem, eu estava me esquecendo que vocês não podem ficar aqui, esperando até que ele acorde e quase me esqueci também, que sou um mágico. E é uma boa hora para fazê-lo tomar uma lição. Se André quer viajar, que viaje. ZARAPLIC SIC TIC! (Merlin aponta para o centro do palco, a luz não acende, fica envergonhado) Desculpem, eu errei a palavra mágica, mas vou tentar outra / vez: ZIN... BALAAN! Como é mesmo? Deixa eu pegar o meu livrinho "MIL PALAVRAS MÁGICAS PARA UM MÁGICO EM APURROS", do mágico de Oz (pega o livro, folheia nervoso, e resmungando): Ah! está aqui SPERILI! PLIM! FLOC (Apaga-se a luz de Merlin, acende-se a do palco. A cama de André está transformada em um barco, ele está ajoelhado sobre ela, com um binóculo).

QUADRO II

- ANDRÉ - O tempo está agradável para uma viagem e os ventos são favoráveis, vamos zarpar! LEVANTAR ÂNCORAS! IÇAR AS VE

- **LAS! Ué onde estão os marinheiros? Como eu vou poder** -
viajar sem marinheiros? Marinheiros, onde estão vocês?!
- Ninguém responde. Está certo então, viajarei sem mari-**
nheiros. LEVANTAR ÂNCORAS ! (Ouvem-se gritos). (Entra E-
mília, a boneca de pano, com uma sacola na mão).
- EMÍLIA** - Espere por mim!! Espere por mim! (faz continência e fi-
ca em posição de sentido)
- ANDRÉ** - Quem é você?
- EMÍLIA** - Sou a boneca de pano Emília, digo, sou o marinheiro Emí-
lia. O mágico Mer..., digo, pediram que eu viesse ajudá-
-lo, pois já fiz muitas viagens e conheço bem o caminho.
- ANDRÉ** - Conheces o caminho ? Para onde?
- EMÍLIA** - Ora, para... digo, conheço todos os caminhos. É, é isso.
- ANDRÉ** - Bom, então vamos logo, já demoramos muito. (sobem ao
barco) **LEVANTAR ÂNCORAS! IÇAR AS VELAS!** (O lençol da
cama de André-é leucantado por Emília.)
- MERLIN** - (Acende a luz sobre Merlin, que estava distraído, re-
compõe-se, pigarreja) - Onde nós es...tamos mesmo? Ah!
sim, nós estamos em alto mar. Uma coisa eu não contei
para vocês. Eu resolvi colocar Emília nesta viagem por
que ela é muito mentirosa. E é tão mentirosa, que eu
para assustá-la, a transformei numa boneca de pano. E
depois... bem (pigarreja), eu me esqueci da palavra má-
gica, para fazê-la voltar ao que era. E não tinha nem
no livrinho do mágico de Oz! Mas eu já mandei uma car-
ta para a associação dos Mágicos, e se ela se sair bem
nesta viagem, vou fazê-la voltar ao normal! Mas lá es-
tão, ainda, Emília e André. (volta-se) Mas onde estão
eles? (assustado)- (André coloca a cabeça para fora)
Ah! (com alívio) eles estavam dormindo. Mas eu tenho
de ir preparar-me, pois está quase na hora de eu en-
trar nesta história. (Apaga-se a luz sobre Merlin, en-
quanto André veste o chapéu e Emília acorda.
- ANDRÉ** - Ai! que cansaço! (para Emília) Há quantos dias esta-
mos viajando?
- EMÍLIA** - Há uns oito dias.
- ANDRÉ** - Ai! como estou cansado, e este rio, como é grande!
- EMÍLIA** - Isto não é um rio, isto é um Oceano.
- ANDRÉ** - E o que é um oceano?
- EMÍLIA** - É um rio grande, digo, é um monte de água, é, é isso.
- ANDRÉ** - Pelo menos a gente não vai morrer de sede.
- EMÍLIA** - Isso é o que você pensa, esta água não dá para beber é
salgada.
- ANDRÉ** - É, é! Onde nós estamos?

- ANDRÉ - O que? Mas você tinha dito que conhecia todos os caminhos, não tinha? por que você me mentiu?
- EMILIA - Eu não menti, não. Eu disse apenas, que conhecia todos os caminhos, mas não que sabia andar por eles.
- ANDRÉ - E agora, o que vamos fazer? Eu quero voltar para casa! Vamos, vamos voltar para casa!
- EMILIA - Eu não sei o caminho de volta.
- ANDRÉ - Oh! O que será de nós, aqui, sozinhos, sem saber como voltar (choraminga)?
- EMILIA - Foi você quem quis viajar, eu não tenho culpa. (ouve um barulho, assusta-se) Olha! Olha lá! Neu Deus, que barulho foi tosi!
- ANDRÉ - (Mais assustado) O que? (Emilia está perplexa) Vamos, vá lá logo. O que é? (olha com a luneta) Ahm?
- EMILIA - Um temporal! Deus do céu, agora sim... (o barulho vai aumentando).
- ANDRÉ - Temporal? O que é um temporal?
- EMILIA - É chuva da grossa, com trovão, com onda, e tudo grande. O barco vai virar. Mãe Santíssima!
- ANDRÉ - (Apavorado) Ai! Eu não sei nadar, faça alguma coisa!
- EMILIA - A nossa única salvação é gritar bem alto, talvez Netuno possa nos ouvir. (grita) NETUNO! (para André) Vamos, grite também! (os dois gritam apavorados) NETUNO! NETUNO!
- NETUNO - (aparece espreguiçando-se) Uhaaaa! Quem está me chamando, será que a gente não pode nem dormir em paz?
- EMILIA - Somos nós!
- NETUNO - Há sim. E o que vocês desejam (bocejando)?
- EMILIA - Que afastes de nós esta tempestade!
- ANDRÉ - Quem é este tal de Netuno? (curioso)
- EMILIA - Puxa, você não sabe nada mesmo! Netuno é quem cuida do mar.
- NETUNO - Muito bem! Senhores hipocampus afastes esta tempestade para longe! (o barulho diminui) Está bem, posso agora, voltar para a minha cesta?
- ANDRÉ - Senhor Netuno, o senhor poderia nos mostrar o caminho?
- NETUNO - Caminho? Para onde?
- EMILIA - O caminho para... bem... digo, não sei (puxa a manga de André).
- ANDRÉ - Ora o caminho.
- NETUNO - Eu não estou para brincadeiras! Digam logo onde desejam ir!
- ANDRÉ - É que eu não sei onde quero ir. Eu quero viajar, conhecer outras coisas, o senhor compreendeu?
- EMILIA - É, e eu estou aqui, só para ajudá-lo, como marinheiro...
- ANDRÉ - E tem mais, eu também já estou cansado de ter que esperar o dia inteiro.

- ANDRÉ - Mas não estava a sã e salva?
- ANDRÉ - Claro! Eu... (Emília tossa, propositadamente) estudo sim, sou obediente. (cutuca Emília) Não é verdade Emília?
- EMÍLIA - É... digo... é mentira!
- NETUNO - O QUE? Você está mentindo para mim?
- ANDRÉ - Não quem está mentindo é ela! (para Emília) Você me paga!
- NETUNO - Vamos ver, então. Eu vou fazer uma pergunta para você André, se você não acertar é porque está mentindo e eu vou fazer voltar o temporal.
- ANDRÉ - (para Emília) Viu o que você me arranjou?
- NETUNO - A pergunta é: "Existe um grande templo, sobre uma coluna rodeada por nove cidades, cada uma das quais, tem trinta arcos, e ao redor destes arcos passeiam, uma depois outra, duas mulheres, uma branca, e outra preta."
- ANDRÉ - Ah! Isso é fácil! (baixinho para Emília) Me ajuda!
- NETUNO - Como?
- ANDRÉ - Bem... Eu não sei...
- NETUNO - Não sabe, é? Então estavas me mentindo? Pois agora eu vou castigá-los. SENHORES HIPOCANTOS TRAGAM DE VOLTA A TEMPESTADE!
- ANDRÉ - Oh! Senhor Netuno, por favor (o barulho começa a aumentar) EU QUERO VOLTAR PARA CASA!
- NETUNO - Só voltarás para casa, quando souberes me responder a pergunta que eu te fiz! (O barulho aumenta, André e Emília começam a gritar)
- ANDRÉ - Socorro! Socorro! Eu não sei nadar!
- EMÍLIA - Ai! Ai! Virgem Santíssima! Cuidado, o barco vai virar! (As luzes piscam e apagam-se em seguida).

QUADRO III

(As luzes acendem, o barco está virado, André e Emília estão no chão. O lugar aparenta ser uma ilha. É bastante estranho. André e Emília começam a se acordar) -

- EMÍLIA - UHIA! (Espreguiça-se e volta a dormir).
- ANDRÉ - Ai minha cabeça! (Olha para os lados apavorado e sacode Emília) Emília! Emília! Onde nós estamos?
- EMÍLIA - (Emília levanta-se calmamente, olha para os lados) Não sei!
- ANDRÉ - Eu quero voltar para casa! Faça alguma coisa, pois foi você que nos colocou nesta situação!
- EMÍLIA - Não venha botando as culpas em mim! Fui eu quem quis viajar? Fui eu quem menti para Netuno? Não, né? Então, resolve tu, o problema!
- ANDRÉ - E você precisava ter me desmentido? Se não fosse você dizer que eu tinha mentido, nós já estaríamos em casa, e estas horas...

- EMILIA - E, mas a mentira tem pernas curtas, mais cedo ou mais tarde, ela seria descoberta e aí sim, ia ser pior! E quer saber de uma coisa? (joga o quepe no chão) Não quero ser mais seu marinho!
- ANDRÉ - (Cruza os braços e mostra indiferença) E pensa que eu vou ficar triste? Até agora você não serviu para nada!
- EMILIA - Pelo menos até agora eu não menti! Eu já fui muito mentirosa, mas agora não quero saber mais de mentiras e nem de você! Eu não quero ser marinho de um menino mentiroso, desobediente e que não sabe nada!
- ANDRÉ - Ah! é assim, é?! Pois muito bem, não precisa ser mais meu marinho. E se quiseres ir embora, podes ir!
- EMILIA - Pois eu vou e você vai se arrepender muito! (Sai)
- ANDRÉ - (Para Emília que já saiu) Você pensa que eu tenho medo de ficar sozinho aqui, é? (De per si) Ficar sozinho? Aqui? Eu estou sozinho? Emília! Emília! Volte aqui, eu não vou brigar mais com você! (Olha e vê que ela já desapareceu. Senta-se e começa a choramingar) Agora o que é que eu vou fazer? Quero voltar para casa! (Chora mais forte. Entra Merlin. André tem um sobressalto) quem é você?
- MERLIN - Eu sou o mágico Merlin.
Transformo o capim em ouro
E o ouro em capim. (André está amedrontado). Estou aqui para ajudá-lo. O que posso fazer por você?
- ANDRÉ - O senhor é mágico, mesmo?
- MERLIN - Por que estaria mentindo? A gente deve acreditar nas pessoas, até que elas não se mostrem honestas, só aí, a gente tem uma razão para não acreditar nelas. Mas vejamos, eu vou te dar a chance de fazer tres pedidos. Se você for Inteligente, saberá como aproveitar esta oportunidade.
- ANDRÉ - Eu posso mesmo fazer tres pedidos?
- MERLIN - Pode.
- ANDRÉ - Então, vejamos... Ah! já sei! Eu quero ser o menino mais bonito do mundo!
- MERLIN - Pois muito bem. ZIRIPLOCPLC (André continua o mesmo) Ué? O que foi que aconteceu? Não deu certo. Mas não tem importância, porque a beleza dura muito pouco. Você fica velho e cadê a beleza? A beleza verdadeira não está fora da gente, está dentro, nem a velhice é capaz de apagá-la. Foi por isso que não deu certo. É preciso modificar o que você tem dentro, primeiro, para depois aparecer a mudança por fora. Mas faça outro pedido ainda sobram mais dois.
- ANDRÉ - Está certo, eu quero que você me de bastante ouro.
- MERLIN - Pois muito bem! ZOROPLICPLIC! Mas o que houve? Será que não deu certo de novo?

- ANDRÉ - Afinal o senhor é ou não é um mágico?
- MERLIM - Sabe o que é? É que já me pediram tanto ouro, tanto ouro, que já se esgotou o estoque. E o que você faria com o ouro, nesta terra? O ouro só incomoda e causa preocupações. Cria brigas, atrai os ladrões. A terra já tem muito ouro, e é por isto que está assim. Os irmãos são capazes de brigar com os irmãos por causa de um simples metal, chamado ouro.
- ANDRÉ - É assim, é? Então eu nem quero saber do ouro. Sabe qual é a única coisa que eu queria? - era voltar para casa. O meu terceiro pedido vai ser voltar para casa.
- MERLIM - Bem era isso que eu temia! A sua volta para casa será bem mais difícil, porque logicamente não poderei passar por cima das ordens de Netuno. O que fica bem mais difícil.
- ANDRÉ - Mas quer dizer, então, que eu vou ter que ficar aqui, para sempre? (Começa a chorar bem alto, Merlim fica confuso).
- MERLIM - Não precisa chorar deste jeito. (André ainda chora) Vamos, pare de chorar... **EU NÃO SUPORTO CHORO DE CRIANÇA!** (André para, Merlim se dá conta de seus gritos, pigarreia) Desculpe... é que eu não posso ver criança chorando, sabe? E não há razão para isto, eu vou dar um jeito, você verá.
- ANDRÉ - Eu só quero é voltar para casa!
- MERLIM - Espere! Deixe eu pensar... Ah! já sei! Eureka! Mas como eu havia me esquecido do concurso anual de sábios, promovido pela rainha da Mogúncia? Ah! esta minha memória! (Bate na cabeça)
- ANDRÉ - MOGUNCIA? Onde fica isto?
- MERLIM - Ora! A Mogúncia fica para lá! (Aponta para o lado direito, André olha) Você está vendo aquelas montanhas?
- ANDRÉ - Não, não vejo montanha nenhuma (Merlim assusta-se, olha)
- MERLIM - Onde estão meus óculos? (Coloca os óculos, olha pigarreia.) É, realmente, não tem montanha nenhuma, mas ainda ontem elas estavam ali. (Fica pensativo, André vira-se para o outro lado, olha atentamente, aproxima-se). Onde se meteram estas danadas?
- ANDRÉ - Mas não são aquelas montanhas lá? que estavam procurando? (Merlim ajusta os óculos, pigarreia, aproxima-se).
- MERLIM - É sim! Mas como foram parar lá? (coça a barba) Eu tenho certeza que ontem elas estavam lá?
- ANDRÉ - As montanhas caminham, "seu" Merlim?

- MERLIN - Não, não caminham. Ah! esta minha memória! Mas vamos resolver logo nosso assunto. Você deverá chegar até aquelas montanhas (Aponta para a direita, dá-se conta, olha para André, sorri e aponta para o lado certo.) Isto é, aquelas montanhas! Chegando lá, você encontrará uma porta grande, com um dragão amarelo, com bolinhas azuis...
- ANDRÉ - UM DRAGÃO ?
- MERLIN - Sim, um dragão. Mas não precisa ter medo, porque este dragão é de brinquedo. E onde já se viu uma historinha com dragão? Bem, onde eu estava mesmo?
- ANDRÉ - Na porta grande.
- MERLIN - Ah! Sim na porta grande! Porta grande? (para André, assustado)
- ANDRÉ - A porta grande que fica na montanha.
- MERLIN - Exato!! Abra a porta. Você verá um jardim coberto de flores com as cores que você jamais viu. Mais adiante, você verá um parque, cheio de crianças e de gente grande, também, todos sorrindo, (Merlim está embevecido) porque Mogúncia está em festa, aliás, Mogúncia esta sempre em festa. Depois que todos saem dos seus trabalhos, eles vão para o parque. Lá ninguém chora, ninguém briga, sorriem, apenas. As mulheres levam doces, e os homens, enquanto uns arrumam as mesas, outros conversam com seus amigos, porque lá todos são amigos. As vovós e os vovós contam histórias para as crianças. Tem uma bandinha em Mogúncia, formada por crianças, jovens e velhos. Quando eles tocam, os pássaros não cantam, para não atrapalhar. (Merlim dança, André está atônito) PARAM PAM PAM . PARAM PAM PAM! E todos em Mogúncia, dançam. Quase pela ocitinha, aparecem os atores, que contam as coisas maravilhosas que acontecem em Mogúncia, e as coisas tristes que acontecem do outro lado das montanhas. Fim do espetáculo, todos vão dormir, pensando com tristeza (fica triste), que do outro lado existem a guerra, a fome, a ignorância, a miséria, (alegra-se) Mas pela manhã, homens, mulheres e crianças, acordam-se cedo para ir ao trabalho ou a Escola, contentes por viver num lugar como aquele. Onde um trabalha para o outro, seja de que raça ou idéia for.
- ANDRÉ - Se esta terra é tão boa assim, por que todo mundo não se muda para lá, afinal não é tão longe?
- MERLIN - Isto é que eu gostaria de saber. Mogúncia é uma terra de verdade, onde só o que vale é a verdade. E para conhecer o que é verdadeiro, é necessário muita sabedoria.

ria. (Olha para André, este se envergonha) Só a sabedoria consegue reconhecer as coisas simples, como verdadeiras. (Merlim, distraído, tenta encostar-se em uma parede imaginária, perde o equilíbrio) Isto é Mogúncia. Uma cidade onde todos são ricos e as portas estão sempre abertas. (suspira)

ANDRÉ - Eles não tem medo de serem roubados por ladrões?

MERLIM - Ora, ora! Existe uma riqueza que nenhum ladrão consegue roubar (sorri com a pergunta de André), pois é uma riqueza que não traz preocupações, é uma riqueza que jamais diminui e sim, aumenta. É uma riqueza que não provoca brigas, e sim, só traz benefícios. É uma riqueza que todos podem ter. É a sabedoria, a maior riqueza que as pessoas podem ter. (para André, decidido) Agora vai, antes que escureça.

ANIRÉ - Para onde?

MERLIM - Para Mogúncia, ora! (Vira-se para o lado direito, retrata-se e olha para o esquerdo) Lá atrás daquelas montanhas.

ANIRÉ - Mas você não vai, eu vou sozinho?

MERLIM - Sinto, mas eu não posso, tenho uma reunião no clube dos mágicos e não posso faltar.

ANIRÉ - E se eu me perder?

MERLIM - Ninguém se perde, quando vai a Mogúncia. Basta apenas ter vontade. Mas agora vai!

ANIRÉ - Então, Adeus! (vai sorrindo)

MERLIM - Adeus!

QUADRO IV

(O castelo da rainha da Mogúncia, a sala do trono. Tudo é demasiadamente colorido. Entra o sábio Arquimedes).

ARQUIMEDES- Ô de casa! (Bate palmas, ninguém aparece) Eu devo ter chegado cedo demais. (Senta-se ao lado do trono, olha para o público) Vocês sabem quem sou eu? Eu sou o sábio Arquimedes. Fui convidado pela rainha, para ensinar Matemática para as crianças da Mogúncia. Oh! Como as crianças daqui gostam de estudar e como são obedientes. Ontem mesmo, eu terminei de lhes ensinar as quatro operações! Pois para os que não sabem, eu vou ensinar, explicando bem, e os que sabem, prestem muita atenção, porque sempre é bom relembrar: Uma das quatro operações é a SOMA. Por exemplo: (pega

num cesto que está próximo, duas laranjas, esconde uma) Eu tenho uma laranja, se eu somar com mais esta (levanta a outra mão), eu terei duas laranjas. A gente também pode somar os conhecimentos. Aprende uma coisa hoje e outra amanhã, o resultado será a sabedoria. A gente deve ir somando devagar. Para começar devemos pegar sempre, números pequenos, para depois chegar aos números grandes. (Pausa) Passemos, agora, para a subtração. Eu tenho duas laranjas. (mostra as duas) Se eu tirar uma, eu ficarei com uma. Subtrair é muito perigoso, é tirar. E como vocês sabem, a gente nunca deve tirar nada de ninguém. É uma obrigação da gente, não deixar que uma pessoa, tire de outra. (Pausa) Agora eu ensinarei para vocês, a MULTIPLICAÇÃO. (Pega mais duas laranjas) Eu tenho duas laranjas (mostra), multiplico por duas, fico, então, com quatro laranjas. É preciso ter cuidado com a multiplicação. As pessoas nunca devem pensar, apenas, em multiplicar os seus bens, pois devem pensar nas outras pessoas que nada tem. Multiplicar é ficar com bastante. Os avarentos tiram dos que tem pouco para ficar com bastante. (Pausa) Então, passemos agora, para a última: a DIVISÃO. (Pega mais duas laranjas) Temos quatro laranjas, se dividirmos estas quatro por duas, teremos duas. Uma das mais úteis operações, é a divisão. A gente pode fazer boas ações, dividindo. Por exemplo, se você tem balas, você deve dividir com amigos que não tenham. Assim você terá bons amigos. Aqui em Mogúncia, todos dividem suas coisas com os outros. Por isso é que todos são felizes. (Pausa) Eu estou alegre, muito alegre, por estar em Mogúncia e já que estou alegre, vou dividir a minha sabedoria com vocês. Vamos brincar de roda? (Arquimedes chama algumas crianças para o palco e brinca de roda, com elas). (Logo depois chega a Rainha e André) Olha quem chega, a Rainha!

RAINHA - Este é André, nosso amiguinho.

ARQUIMEDES - Venham brincar de roda também! (André e a Rainha entram na roda, depois de algum tempo, Arquimedes para.) Bah! está quase na hora de eu dar a aula, vocês me desculpem, outro dia eu volto! Os meus alunos já devem estar me esperando, eles sempre chegam bem cedo. Adeus!. (Despede-se da Rainha, de André e das crianças e sai.)

RAINHA - Adeus! Volte sempre! Vamos continuar. (continua brincando, entra, então, o sábio Irineu, o belo) Olhem quem vem vindo? O sábio Irineu, o belo! Não queres brin-

car de roda Irineu?

IRINEU - Sinto, mas eu não posso, senão vou estragar a minha roupa.

RAINHA - Mas brincar de roda não estraga a roupa, (Para André e crianças) não é?

ANDRÉ - É.

IRINEU - E eu não quero me cansar, daqui a pouco vai começar o concurso dos sábios. Eu vou ganhar, mas quero estar bem descansado.

RAINHA - Como você sabe que vai ganhar?

IRINEU - Pois eu sou o sábio mais sábio e bonito do mundo.

RAINHA - Você não parece ser muito sábio, assim. Pois quem é mesmo sábio não precisa ficar dizendo. Temos que deixar os outros reconhecerem as nossas qualidades.

IRINEU - Todos vocês verão que eu sou o sábio MAIOR do mundo. E como é, ainda não chegou o sábio que vai concorrer comigo?

RAINHA - Não, ainda não chegou, mas não deve tardar muito. Ele mora bem distante, na Frígia.

IRINEU - Espero que ela não demore muito. Eu ainda tenho que arrumar as minhas malas, pois eu pretendo partir hoje à noite. Vou dar prosseguimento as minhas viagens pelo mundo. Ah! Agora me lembrei que tenho, também, uma reunião com meus alfaiates. Afinal, eu sou o sábio Irineu, o belo. (Ageita o cabeão, tira o pó da roupa.)

RAINHA - Só nos resta esperar. (Senta-se no trono) Vamos sentar? Ele não deve demorar. (André senta-se com as crianças, perto da Rainha.)

IRINEU - E como é o nome deste sábio, que tem coragem de enfrentar Irineu, o belo?

RAINHA - Esopo. Você o conhece?

IRINEU - Não. Não o conheço. (Passa as unhas na roupa para dar brilho, olha-as) Mas não deve ser muito sábio, pois se atreve a concorrer comigo.

RAINHA - Ele é sábio, sim e muito sábio. Escreve fábulas maravilhosas. E acho muito estranho, que um sábio, como você diz que é, o maior sábio do mundo, não o conhece.

IRINEU - Eu acho que ele não vem mais. Acho até que ficou com medo de fazer vergonha.

RAINHA - Ele vem, sim, ele vem, eu o conheço muito bem.

IRINEU - Pior para ele. (Para as crianças) Vocês vão ver quem é o sábio Irineu, o belo. Esopo vai se arrepender de ter

saído de sua cidade. (Entra Esopo)

- ESOPO - Alguém falou no meu nome? (Todos viram-se para ver. André assusta-se e aproxima-se da Rainha, com medo)
- RAINHA - Não é preciso ter medo, ele é nosso amigo.
- IRINEU - (Rindo muito) Este espantelho que vocês arrumaram para competir com Irineu, o belo? (Continua rindo).
- ESOPO - Nunca se deve considerar o formato do vidro, mas o líquido que nele está encerrado.
- IRINEU - Como permitiram a tua entrada, não vês que estás a assustar a todos?
- ESOPO - Um homem pegava gafanhotos, uma cigarra caiu-lhe também sob a mão. Ele ia matá-la como havia feito com os gafanhotos. Que vos fiz? Diz ela a este homem. Não rão vossos trigos; não vos cause nenhum prejuízo; não encontrareis em mim senão a voz, da qual me sirvo, bem inocentemente. Amigo, assemelho-me a esta cigarra. Não tenho senão a voz, mas jamais me servi dela para ofender, a quem quer que seja.
- RAINHA - Como vais, Esopo? Bem?
- ESOPO - Bem.
- RAINHA - Este é André, Merlin enviou-o até Mogúncia, para que vocês pudessem ajudá-lo a resolver um problema que Neptuno deu para ele resolver. Senão ele não poderá voltar para casa.
- IRINEU - Ora, e por que ele não resolve sozinho?
- RAINHA - Porque ele não sabe. André era um menino desobediente e que não gostava de estudar. Mas ele me prometeu que se conseguísse voltar para casa, vai ser obediente e estudioso. E eu acredito nele, porque se ele estiver me mentindo, o prejudicado será ele mesmo. Eu mostrei a ele as escolas daqui, onde todos os meninos estudam sem criar nenhum problema, e brincam nas horas certas. Ele viu a importância do estudo.
- ESOPO - Se eu puder ajudá-lo... (André esquivava-se com medo) - Não tenha medo, eu só quero ser teu amigo. Se tens medo de mim, é porque me vês apenas com os olhos. E nem sempre os olhos descobrem as coisas mais importantes.
- RAINHA - Bem, vamos então ao concurso. Após, vocês poderão responder a pergunta de André. Estão prontos?
- IRINEU - (Ajeitando-se) Sim, pode perguntar.
- ESOPO - Sim.

- RAINHA - (Para André) Preste bastante atenção! (Para os sábios) Bem, vejamos, vocês tinham que me trazer animais perigosos, o que troxesse o mais perigoso, seria o vencedor desta tarefa. Vocês troxeram?
- IRINEU - (Adiantando-se) Eu troxe o animal mais perigoso que eu encontrei. Trouxe da Índia o Tigre-de-bengala, mas sua jaula é tão grande que eu não consegui colocá-la dentro do palácio. O tigre-de-bengala é o animal mais feroz que eu encontrei, suas presas são afiadas como na valhas e é capaz de devorar até dois homens de uma só vez. Já ganhei, não ganhei?
- RAINHA - E você, Esopo, trouxe o animal perigoso?
- ESOP - Trouxe, sim, está aqui. (Tira uma minúscula caixinha do bolso e mostra) É uma pulga.
- IRINEU - Uma pulga? (Ri) Não vai me dizer que uma pulga é mais perigosa que um tigre-de-bengala? (Ri novamente)
- ESOP - É que esta pulga é portadora de um bichinho chamado Pasteurella Pestis, que produz a peste bubônica. Se um tigre-de-Bengala pode devorar dois homens, este micróbio é capaz de matar milhares de gente num minuto. E não é tão fácil de matar, como um tigre, pois estes micróbios existem aos milhares e só se consegue vê-los por meio microscópios.
- RAINHA - (Para Esopo) Esta você ganhou. Vamos passar para a outra. (André bate palmas)
- IRINEU - (Meio sem jeito) Esta você me ganhou, mas a próxima você verá!
- ESOP - Os cães que muito ladram, são os que menos mordem!
- RAINHA - Vamos para as perguntas, agora. Qual a melhor coisa que existe?
- IRINEU - É muito fácil. A riqueza.
- RAINHA - E para ti Esopo?
- ESOP - A língua.
- IRINEU - (Rindo) Oh! Como és tolo! Julgas, então que a língua é melhor que a riqueza. Com dinheiro você pode comprar tudo que quiser.
- RAINHA - Por que a língua?
- ESOP - Porque a língua é o laço da vida civil, chave das ciências, o órgão da verdade e da razão. Por ela constroem-se cidades e as cidades se civilizam. Instrui, persuade, reina nas assembleias, louva as boas ações.
- RAINHA - Mais um ponto para Esopo. (André bate palmas, cada vez mais contente).

- ANDRÉ - Como ele é sabido?
- IRINEU - Até agora você teve muita sorte. Rainha, pode fazer outra pergunta, que esta está para mim.
- RAINHA - Então, agora, qual a pior coisa que existe?
- IRINEU - O cansaço. Esta é minha. O cansaço é a pior coisa que existe. (Ageita-se).
- RAINHA - (Para Esopo) Você acha o cansaço a pior coisa que existe?
- ESOPO - Não. O cansaço é passageiro, dura pouco tempo. Para mim, a pior coisa que existe é a língua.
- IRINEU - Ih! Lá vem ele de novo com a mesma coisa! Se a língua é a melhor coisa que existe, como é que pode ser também a pior?
- ESOPO - Porque a língua é a mãe de todas as discussões, a mãe dos processos, a fonte das divisões e das guerras. Se se diz que é o órgão da verdade é também o do erro, e o que é pior ainda, o da calúnia. Por ela destroem-se cidades, persuadem-se as más coisas. Se por um lado louva as boas ações, por outro profere blasfêmias contra as pessoas.
- RAINHA - A vitória é de Esopo, que será considerado o sábio número um, da Mogúncia.
- IRINEU - Isto não está certo! O maior sábio sou eu, Irineu, o belo. Vocês não podem fazer isto comigo!
- RAINHA - Você ainda tem muito que aprender. Pois não sabe nada, você é um mentiroso. Só pensa em cuidar de sua beleza e viajar. Não se preocupa em estudar.
- IRINEU - (Saindo, muito brabo) Vocês me pagarão por isto! Vocês me pagarão!
- RAINHA - (Para André) A gente não deve dizer só que sabe, deve, principalmente, mostrar que sabe. Jamais devemos dizer que somos melhor que alguém, porque todos somos feitos da mesma matéria.
- ESOPO - Irineu é que nem um galho de árvore que flutua no rio, de longe, pensa-se que é alguma coisa, de perto, vê-se que não é nada.
- ANDRÉ - (Para a Rainha) Puxa, como ele é sabido!
- RAINHA - É muito sabido, sim!
- ANDRÉ - (Para Esopo) Como é que o senhor fez, para ser tão sabido, assim?

ESOPHO - (Aproximando-se de André, afagando seus cabelos. André não tem mais medo, e sim admiração) Ora! É muito simples meu amiguinho! Simplesmente porque eu vi que nada sabia. E descobrindo isto, fui honesto contigo. Então comecei a estudar, e sabendo, vi que eu poderia dar alguma coisa a alguém. E resolvi dividir a minha sabedoria com as crianças, escrevendo fábulas. As crianças ficaram contentes e eu, mais. Há no Mongol, uns anõezinhos, muito bons e trabalhadores. Para arrumar a casa, levantam-se cedo e fazem muito mais coisas, sempre com dedicação. Um destes anões morava perto do rio Ganges. Tratava de um jardim, e o seu patrão, gostava muito dele. Porém outros anões, bem safados, que dele não gostavam, inventaram mentiras para o rei dos anões, dizendo ser o anãozinho, muito preguiçoso. O rei ficou tão brabo, que castigou o anãozinho, mandando-o para uma terra bem distante. Este, triste, despediu-se de seu patrão, dizendo: "Posso cumprir neste momento, tres desejos. Diga-me o que queres?" O patrão pediu riqueza abundante. O anãozinho, contra a vontade, deu-lhe. O patrão ficou vaidoso e sem saber o que fazer com tanto ouro. Com medo dos ladrões, nem mais conseguia dormir. O segundo pedido, feito pelo homem, é que a riqueza diminuisse. O anão diminui a riqueza. Logo depois, falou ao homem: "Não vêes a oportunidade que perdestes, ao pedindo estas coisas tão fúteis. Ao teu último pedido deixa que eu te ofereça, dou-te a sabedoria, que na verdade é a coisa mais útil e mais fácil de guardar. E o homem ficou muito feliz.

RAINHA - Que linda história! (Suspira) Esopo, agora veja se consegue responder a pergunta que foi feita a André, por Neptuno.

ESOPHO - Se estiver ao meu alcance, eu responderei. Pode fazer a pergunta.

ANDRÉ - A pergunta é: " Existe um grande templo, sobre uma coluna, rodeada por doze cidades, cada uma das quais tem trinta arcos, e ao redor destes arcos, passeiam, uma depois outra, duas mulheres, uma branca, a outra preta."

ESOPHO - (Pensando) É, esta pergunta é bastante fácil. Vejamos, o templo é o mundo; a coluna, o ano; as doze cidades, são os meses, e os arcos, os dias, a volta dos quais, passavam o dia e a noite.

- ANDRÉ - Oba! Oba! Poderei voltar para casa! (Beija a rainha, abraça a todos. Aproxima-se de Esopo e dá-lhe um beijo no rosto).
- ESOPO - Viu? Agora não tens mais medo de mim! É que agora aprendeste a ver as coisas, não apenas, com os olhos.
- ANDRÉ - Obrigado! Muito obrigado!
- ESOPO - Está ficando tarde e eu tenho de ir embora. (Beija a mão da Rainha) Adeus, e muito obrigado por ter me convidado para conhecer esta terra maravilhosa. (Beija o rosto de André) E você, lembre-se sempre das lições que aprendeu! Adeus! (Sai)
- ANDRÉ - (Espera Esopo, depois vira-se para a Rainha, contente, - quando este saiu) Oh! Rainha, como a senhora é boa! Como eu conheci pessoas boas em Mogúncia!
- RAINHA - Pessoas boas existem em todo lugar. E não existe pessoa totalmente, ruim, todas as pessoas tem o seu lado bom. Basta querer, para encontrar este lado bom.
- ANDRÉ - Bom, agora eu já vou indo. Estou louco para chegar em casa. (Faz uma reverência para a Rainha, esta levanta-o e o beija) Agradeço, também a senhora, o que fez por mim, e prometo nunca mais desobedecer minha mãe, e o que é mais importante, eu aprendi que estudar é muito bom, e a partir de agora, vou ser um menino muito, muito estudioso, e vou brincar só depois de ter terminado minhas lições. Adeus! (Sai)
- RAINHA - Adeus, André! Volte sempre que quiser, as portas da Mogúncia estão sempre abertas! (Despede-se das crianças e sai).

QUADRO V

(Entra Merlin, muito risonho)

- MERLIM - Vocês gostaram? André está voltando agora, para casa. Aprendeu direitinho as lições. Teve muita sorte de encontrar Esopo, que resolveu o seu problema. E Emília se saiu tão bem na viagem, bem, pelo menos não mentiu, que eu transformei ela numa fada boa. Mas vejamos o que está acontecendo com nosso amiguinho.

QUADRO VI

(O quarto de André, como no 1º quadro. André está dormindo, com a roupa da viagem.)

- MERLIM - Pssiuuu! Não façam barulho que André está dormindo!
- MÃE - ANDRÉÉÉ! (André levanta-se sobresaltado)
- ANDRÉ - (Olhando para os lados) Emília! Emília! Rainha! Onde estão vocês?
- MÃE - Estás me chamando?
- ANDRÉ - Não...é que... será que eu sonhei? (Olha para suas roupas) Mas e estas roupas?
- MÃE - André, não demora!
- ANDRÉ - (Levanta-se rapidamente, pega a pasta. Antes de sair vai até a boca do palco, não enxerga Merlin, que está na ponta do palco) Será que foi um sonho mesmo, ou foi verdade?
- MÃE - André! Anda!
- ANDRÉ - Bah! Eu tenho que ir embora, senão chego atrasado na aula! Tchau! para vocês, Tchau!
- MERLIM - Esta foi, meus amiguinhos, a história de André. Espero que vocês tenham prestado bastante atenção. Prestaram, não é? Muito bem, então até uma próxima história! (sai Merlin).-

- CAI O PANO -